o conto dos chineses

por José Cardoso Pires

NA arrecadação das obras havia um telheiro e no telheiro um homem sentado à sombra a comer.

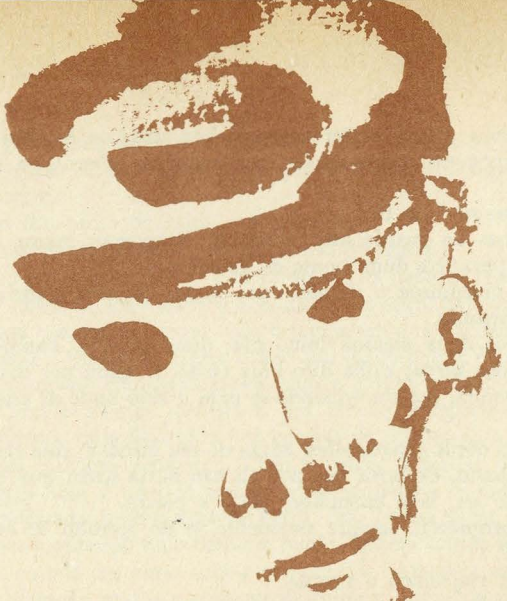
Esse homem, embora trabalhasse há muitos anos na cidade e a tivesse ajudado a construir com as suas próprias mãos, era no fundo um camponês. Tinha a pele escura dos cavadores de sol a sol e, como veremos, a voz demorada de quem foi criado longe das máquinas.

Estava ele sentado a mastigar e a uma boa distância do barracão as filhas saltavam à corda. Eram duas, a mais velha e a mais nova. Assim como o homem vestia de lavado, botas cardadas, relógio e fita de nastro, assim as crianças brincavam muito compostas, laço no cabelo, meias esticadas, porque era domingo e, além de domingo, festa de S. João.

O homem via-as? Talvez não. Estava todo voltado para a cidade onde andaria àquela hora o restante pessoal, trolhas, moços, carpinteiros, atrás dum servente de concertina e flor na orelha. E ele, que era o guarda das obras, acompanhava-os em pensamento. Às vezes baixava os olhos para os dois queijos que tinha aos pés, num pedaço de jornal. Mas depois via a fogueira apagada, via a panela, a estrada, e ia por ali fora, entre quintas e poeira, e só descansava a vista na cidade, lá longe. Isto sem deixar de mastigar.

Comia lentamente, sem gosto, apenas para sustentar o corpo, e também nisso se parecia com os camponeses, que se alimentam, não comem. Um cavador almoçando em pleno descampado comeria decerto assim — com aquela tristeza, com aquela mesma solidão.

Ora aconteceu que, a meio da merenda, o guarda das obras descobriu no horizonte dois vultos caminhando em direcção ao telheiro. Escusado será dizer que deixou de prestar atenção à cidade, lá longe, e que se pôs a seguir a marcha



dos dois estranhos. Vinham-se aproximando, aproximando, a ponto de se perceber que, coitados, arrastavam pesadas cargas com eles: malas. Em menos de nada já se lhes distinguiam as feições, e o homem no telheiro pasmou: chineses, dois chineses brilhando ao sol.

Compreendeu então que se tratava de feirantes, destes que vendem carteirinhas lavradas e coisas de enfeitar raparigas. Antigamente havia-os por todo o lado mas hoje é curioso que se encontram muito raramente e cada dia menos. Foram para a terra deles, para a China, resolveu o guarda. Segundo consta já não existe por lá a muralha de mandarins de que tanto se falava.

Enfim, fosse como fosse, aqueles também eram chineses e andavam por cá. Traziam os chapéus na mão e enxugavam constantemente a testa com um lenço. Porquê, por causa do calor? E como é que duas criaturas assim mirradas, duas almas sem pinga de gordura, não é verdade?, como podem eles, chineses, ter suor para deitar cá para fora? Impossível, não se entende.

Mas era assim, suavam. Passaram pelo telheiro, de orelha baixa e a assoprar com tanto calor. Nem bom dia, nem boa tarde. Ainda não tinham andado obra de dez passos quando um deles deitou a mão ao outro e desatou a falar numa linguagem que ninguém entendia: chinês. Pegaram-se em discussão, discussão mansa, conversa. Um tinha focinho de rato e dizia uma coisa, o outro tinha os dentes de ouro e dizia outra.

Vendo um espectáculo daqueles, as crianças largaram a brincadeira e correram a pôr-se atrás deles, muito juntas. Riam à sucapa, encolhiam-se, mordiam os dedos, perdidas de riso. E os chineses na conversa, os chineses sem dar por elas.

No telheiro, o guarda das obras ia talhando pedacinhos de queijo que levava à boca na folha da navalha, mas não perdia um som, um gesto deles. A dada altura da conversa um dos chineses tomou uma decisão. Na companhia do amigo

entrou no telheiro e depois de ter desejado boa tarde ao homem que comia à maneira dos camponeses perguntou-lhe por qualquer taberna ou casa de pasto ali próxima.

— Não há perto? Não há?

Aqui, as filhas do guarda não resistiram. Romperam numa tal risota que tiveram de fugir para trás dum monte de falheiros.

— Meninas, murmurou o visitante dos dentes de ouro; e abria o seu sorriso dourado. — As meninas.

Claro que não dizia menina como nós; dizia manine. Também não tinha dito, ao chegar, boa tarde; tinha dito bôla tarda. E assim por diante.

— Menina bonita, repetiu voltando-se para o sítio onde as crianças estavam escondidas.

O guarda das obras ofereceu-lhes então do seu farnel e, com respeito a tabernas ou casas de pasto, explicou que por ali não havia nada, mas o que se pode dizer nada, a não ser, bem entendido, obras e poeira.

— E pão?, perguntou, sempre sorridente, o do focinho de rato. Pode dispensar meio pão?

— Arranja-se, respondeu o guarda.

Pousou a navalha no jornal, ao lado dos queijos, e foi à barraca dos mantimentos.

— Oh, disse o Sorriso Dourado, vendo-o voltar com um pão de quilo. Basta metade. Não vende meio pão?

O guarda lembrou-se de que os chineses não são muito amigos de pão. De arroz, arroz e com dois pausinhos, sim. Pelo menos é o que se houve dizer. Teve escrúpulos e cortou o pão ao meio.

— Sentem-se. Puxem essa tábua e metam-lhe dois tijolos por baixo.

— Muito obrigado.

— Sem cerimónia. Aqui ao menos há sombra.

O do focinho de rato abriu um saquinho de moedas para pagar o pão e o companheiro tirou um cartucho de figos secos. Foi a vez de perguntarem ao homem se era servido.

— Bom proveito. Se quiserem vinho, façam favor.

Os visitantes recusaram a oferta com muitos agradecimentos e lançaram-se à comida. Vendo aqueles dois seres à volta de meio pão e de uma mancheia de figos, o guarda dizia lá com os seus botões: é isso andam a juntar para a viagem.

Muito calados, os chineses comiam com uma velocidade danada. Toupeiras, ratos, bichos miúdos, era o que eles lembravam a mastigar. Mas só as bocas mexiam; de resto estavam muito compostos, silenciosos, contemplando ora o chão onde assentavam os sapatos de lona, ora as pequeninas mãos com que agarravam o pão e que tremiam, tremiam. Era da idade, com toda a certeza. Tremuras assim são próprias de quem já conta um bom par de anos e não nos devemos esquecer de que a idade nos chineses engana muito. Aquela cara lisa, a barba que a bem dizer nem é barba, o cabelo fraquito, verdadeira lã de rato, é que os fazem parecer mais novos — ou melhor: sem idade.

Não resta dúvidas, pensou o guarda. Estes chineses já não são crianças nenhumas. Pergunto a mim mesmo há quanto tempo não andarão eles a juntar para voltar à terra.

— Comem um prato de caldo, não comem?

— Obrigado, disseram os visitantes, muito obrigado.

— Comem, decidiu o guarda. Um caldo até os doentes comem.

Não quis saber de mais nada e acendeu a fogueira. Soprou forte, acocorado ao pé das brasas e acocorado ficou todo o tempo em que a panela do caldo esteve ao lume a aquecer. Cismava. Tinha tirado um palito detrás da orelha, revolvia-o nos dentes, preocupado com os chineses, com o muito trabalho que deviam ter em amealhar para tão longa jornada e, por último, imaginando a imensa muralha de mandarins, hoje destruída por guerras de milhares de anos.

Os chineses também pensavam. Com as mãos cruzadas diante das panças miúdas, olhavam uma a uma as malas do seu comércio, os cintos e as carteiras de cabedal penduradas numa viga de ferro. Isso queria dizer que, sentados na tábua, tão sérios e olhando tudo daquele modo, faziam contas à vida deles.

Quando o guarda das obras achou que o caldo já estaria capaz de se comer foi buscar ao barracão pratos e colheres de folha e serviu os visitantes.

— Ih, fez o Sorriso Dourado. Muito caldo, patrão.

— Qual muito nem meio muito, disse o guarda.

E o Focinho de Rato:

— Bom. Caldo bom, mas muito caldo.

— Cheguem-lhe. É comê-lo enquanto está quente. Vocemecês ainda vão para muito longe?

— Linda-a-Pastora, patrão.

— Diabo, disse o guarda. Daqui a Linda-a-Pastora é um pedaço.

Focinho de Rato sorriu.

— Há festa lá, patrãozinho. Há baile, há barraquinha toda a noite.

— Em Linda-a-Pastora? É possível. No dia de hoje há festas em toda a parte.

O guarda pôs os olhos na folha de jornal com os dois queijos:

— Em toda a parte, menos aqui.

E com isto calou-se. Só voltou a falar depois de os visitantes acabarem a refeição e dessa vez para lhes dar a provar do queijo que estava em cima do jornal.

— É cabreiro, é de confiança.

Como nem um nem outro aceitasse, o guarda das obras quis saber se seria por não gostarem de facto de queijo ou por desconhecerem tal espécie. Podia dar-se o caso de na China não se fazer queijo de cabra, quem sabe?

— Faz, patrão. Faz de tudo. Queijo de cabra, queijo de vaca, queijo de toda a qualidade.

— Também me parecia. Mais a mais o cabreiro que é fácil de fazer. Basta que haja cabras e pasto. O resto é fácil.

Hesitou, depois disse:

— E, já se vê, cabras há por toda a parte. Onde houver gado de saias há-de haver cabras por força.

Os chineses a princípio não compreenderam muito bem o que o guarda queria dizer com aquilo mas passado um instante descobriram: falava das cabras-mulheres e não das cabras-cabras pròpriamente ditas. Então riram a bom rir.

— Mesma coisa que aqui, patrão. Mesma coisa, mesma coisa.

— A mesma coias não será bem. Sempre há-de haver as suas diferenças.

O guarda tinha-se posto muito sério.

— Pelo menos em questão de comida tenho ouvido dizer que é diferente.

— Comida?

— Sim, parece que vocemecês só comem arroz.

— Oh, disse o Focinho de Rato.

E o outro, o Sorriso Dourado:

— Nossa gente come de tudo como aqui. Come arroz, come pão, come peixe, come carne...

— Ratos, cortou muito pronto o homem do telheiro. Ele sempre é verdade que na China comem ratos?

— Oh!

— E baratas assadas? E andorinhas?

— Oh!

— O quê? Não comem então andorinhas? Pois garantiram-me que sim.

— Nossa gente, patrão, come passarinho como o português. Patrão não gosta de passarinho?

— Homem, nem se pergunta. Fritos em banha e com um copo em cima para amortecer, não há petisco que se compare.

O guarda sorria por dentro, com lume no olho. Estava a ver passarinhos a pingar no pão aos balcões das esplanadas de cana, fora de portas.

— Olhem, faz agora um ano comi eu lá na terra uma dúzia de pardais como há muito não tinha memória. É verdade. As mulheres a tirá-los da frigideira e mais adiante uma rede a caçar neles.

Sabia muito de pássaros e principalmente das maneiras de os apanhar. Ali, na presença de dois chineses, explicou manhas, ensinou armadilhas e tudo quanto tinha aprendido sobre os pousios das aves e sobre as diversas formas de os comer regados a vinho fresco. Terminada a lição, os chineses levantaram-se:

— São horas.

Pegaram então nas malas, abriram-nas em cima da tábua e, com uma troca de olhares, cada qual tirou um lápis pequenino que veio entregar ao homem do telheiro.

— Para as meninas. Para a escola delas.

— Bom, nesse caso, muito agradecio.

Um dos visitantes, Focinho de Rato, apontou qualquer coisa numa agenda. O companheiro leu, concordou, e o guarda, mordido pela curiosidade, estendeu o pescoço.

— Contas, desculpou-se Focinho de Rato, notando o interesse do homem pelo que estava no papel. Mostrou-lhe os gatafunhos: **Lápis, dois lápis**...

O homem caiu das nuvens. Nunca lhe passara pela cabeça que se pudesse escrever tanto e em tão poucos riscos.

— E o resto?, perguntou. Que diz o resto?

— Diz figo... Assim: **figo, mil e duzentos.** Aqui está **pão.** Aqui **onça de tabaco**...

Percebo, pensou o guarda. São as contas deles para a longa viagem.

— E, por exemplo, **pássaro**? Como escrevem vocemecês a palavra **pássaro**?

— Papel, pediu o Focinho de Rato. Acabou-se o papel.

O homem do telheiro não perdeu tempo, deu-lhe o caderno do registo de ferramentas.

— Assim. **Pássaro** escreve-se assim.

A cada pergunta os visitantes sorriam. Lá adiante, na estrada, as raparigas observavam, muito intrigadas, os três homens debaixo do telheiro entretidos com as letras chinesas.

— E **vinho**?

— Assim, **vinho.**

Sorriso Dourado tirou então o lápis ao amigo e escreveu também os seus riscos.

— Que é?, perguntou o guarda.

Os chineses sorriram ainda mais.

— **Boa festa**, disseram. **Dia feliz.**

— Ah, fez o guarda.

Pegou no caderno, mirou-o de todas as maneiras. E já os outros estavam de mala ao ombro para partir e ele não despegava os olhos daquilo, encadeado com as letras, apreciando a homenagem.

— Boa tarde, diziam os chineses.

Despediu-se deles, sem largar o caderno. Lá os viu ir, muito dobrados com o peso das malas, muito pequenos. Ao passarem pelas crianças quiseram fazer-lhes uma festa mas elas fugiram-lhes com a cara.

— China, gritou a mais velha, quando eles iam longe.

Virou-se para a irmã e riram ambas da partida. Depois deram as mãos e afastaram-se aos saltinhos compassados e cantarolando:

— Oh, oh, o maluco do chinês... oh, oh, o maluco do chinês...

O pai não as ouvia. Sentado diante da garrafa e do jornal com os dois queijos cabreiros, estudava e tornava a estudar o caderno dos traços chineses. Lembravam-lhe a maneira como ele próprio, que não sabia escrever, apontava as suas coisas: um risco para cada saco de cimento, tantos quadrados para tantos milheiros de tijolo, uma cruz para as cargas de areia — e assim por diante.

— Como nós, ia dizendo o guarda. Tal e qual como nós. No comer e em tudo.

À sesta, deitado no fundo do telheiro, recordava ainda os chineses que o tinham visitado e, sem saber porquê, via-os cobertos de um brilho de ouro, vestidos com cabaias de dragões como os mágicos das feiras. E como o vento da tarde lhe trazia o cheiro da resina da lenha na fogueira, adormeceu a pensar em passarinhos fritos, escorrendo gordura no pão.